



AZUL



ANNO I.^o

Pela Arte

TOMO I.^o

Director: Thiago Peixoto.

— Curityba, 5 de Agosto de 1900 —



Silveira Netto

Esse delicado sonhador, cujo nome ahi está á entrada desta revista, é um dos magnificos celebrantes da missa espiritual da Esthesia; e o seo nome de ha muito vem transluzindo pomposamente nas fulvas irradiações do Verso, em bello destaque de real merecimento artistico.

Silveira Netto, parnasiano por temperamento e por vocação, soube architectar as linhas emotivas desse formoso *Luar de Hiverno*, que é um dos mais preciosos relicarios poeticos desta terra e a mais nitente revela-

Dario Mellor Vilas Jardim

ção do seu bem organizado intellecto. Como o *maldito* Rimbaud, Silveira possui a bizarrria e a justa posição do vocabulo, o infinito capricho das imagens, em que se contorcem as suaves phantazias da sua torturada Visão.

A sua rapida, porém proveitosa permanencia na capital da Republica, ao lado de Cruz e Souza, Nestor Victor, E. de Menezes e outros consagrados, dão-lhe occasião de alargar o circulo de oiro das suas lucubrações mentaes, de modo a tornar-se elle uma das legítimas glorias do meio litterario paranaense, onde hoje vive recebendo os affectos e as espontaneas ovações desta geração que surge.

Alem das qualidades artisticas que ornarn o fundo illuminado d'aquella alma de eleito, o inspirado moço é um desses que fascinam pela crystallina pureza cordeal, plantando fundo no espirito dos que o rodeiam as mais firmes radicações de sympathia.

Como o divino Gauthier e o extraordinario Corbière, Silveira Netto tem tambem a visão pictural, que lhe vale muitissimo no arranjo desses conjunctos quasi plasticos de sua Obra. E é devido a esse particular conhecimento esthetico, que as *nuances* e os tons de occasos e nascentes recebem no *Luar de Hiverno*, ou em qualquer outra producção do artista paranaense, brochadas de uma perfeição admiravel, em que se alinham em agradaveis silhuetas *d'après nature* todas as cambiantes da luz e da côr.

Fóra da obsessão poetica, desconsorciado do tyrso e do septacordium de Anachreonte, Silveira sabe fazer tambem prosa castigada, de uma harmonia singularmente nova, suggestiva e fluente.

Mas, diga-se com franqueza, a accentuação personalissima deste estheta, — seus nervos, sua indole, a sua idiosyncracia enfim, estão exclusivamente no verso, e é com a essencia mystica da poesia que elle ha de subir a escadaria de porphyro do summo-sacerdocio litterario.

Oh! que bello cavalheiro que elle é quando desfralda lá na media idade do Sonho o estandarte de suas pindarescas victorias, ou fanfarra o clarim altisonte dos plectros!

Sim: ha de ser com a lyra de Terpandro que elle subirá ao solio da Arte, lá onde fulgem os verdadeiros templarios do Bello.

Prestando esta sincera homenagem ao digno lapidario da Fôrma, a mocidade do "AZUL" inclue o nome do Silveira Netto entre os d'aqueles que lhe merecem acatamento pelo brilhantismo do talento e pelo valor real e inoffuscavel dos trabalhos exhibidos.



Nevrose da ausencia

(Do Luar de Hivero)

A Antonio Braga

Ao riso disse, estás doudo; e
à alegria, de que serve esta?

ECCLESIASTES

(Cap. II, 2)

Escuta no meu seio a surdina da ausencia:
Eil-o, é um mundo a ruir; ouve bem!
Com toda a solidão nervosa da Demencia
Que desolou Jerusalem...

Quanto mais alto vou, mais elle é dezerto.
Loucura! mas que o Tempo essas loucuras sagre-m'as,
Que são divinas e, por certo,
Têm-me custado muitas lagrimas.

Destroços da paixão! O mais foi-se nas criptas
Da Sorte, que na Dor bosquejara os meus dias;
E a Dor é um subterraneo onde — Ophelias malditas —
Afogam-se gemendo a Crença e as Alegrias!

E ficou-me a Saudade — a cinza dos affectos —
Como a lua claustral que ao angelus contemplo!
Cinzas que são da Vida os ultimos aspectos,
Enchendo-me a alma como ao ciborio de um templo.

E pelas quaes eu passo a terra vendo
No magoado fulgor de uma amethista;
A aurora me parece uma elegia ardendo;
Que alma de étheres ha que ao inferno resista?

Meu grito pela Natureza,
Minha ancia de estudar essa epopeia ardente,
Guarda a mystica tristeza
Que enluara o burel de um monge penitente.

E a lua a dilluir em Sonho a noite escura,
Por essa extranha côr lendaria das balladas,
Parece-me a hostia da Amargura
Supplicando por nós ás praías constelladas.

Tenho o exilio fatal que a morte em si concentre,
A morte! essa legenda; esse marco sidereo
Que a existencia divide aos doidos Seres entre
A noite da Tortura e a noite do Mysterio.

O Seculo, esse é um negro desconforto
Que nas almas crocita a paz amortalhando;
E o vasto mar da Crença é um funebre mar-morto
Onde o Tédio vae cavar um funeral cantando.

A alma parece que vae no Tédio quebrar-se,
Ainda que ao Infinito a contemplar se affoite;
E a duvida, na Terra, anda a alastrar-se
Como o crepe soturno e immenso de uma noite.

Supplicia-ma o caustico da febre
Com que me exalta a desventura humana;
Que a Dor porem seu canto-chão celebre:
A paz floresce ás portas do Nirvana...

Ah! neste circulo medonho,
Não houvesse a revolta e a esperanza do Nada,
Que ao ter gelado a Fé na cathedral do Sonho
Seria-nos a vida uma treva cerrada!

Ah! não houvesse nesta leva
A sombra de uma vaga recompensa,
E a vida rolaria n'uma treva
Extranhamente immensa!

Silveira Netto.

Nas terras dos infieis

A Leoncio Correia

37 - Jerusalem, Jerusalem que
mudas os prophetas e apes-
drejas os que te são envia-
dos.

38 - Eisahi vos ficará deserta
a vossa casa.

S. Mathews, Cap. XXIII.

I

Na caravana festival d'uma Chi-
méra, seguiste, Princeza de olhos
verdes, para as terras paradisí-
cas da Jerusalém do Amor, para
o paiz encantado onde Jesus
florio.

Era lá que n'um resplendor an-
tigo de pompa lithurgica, erguia-
se a cathedral orientalesca da
Esperança, n'um alto, sob a li-
nha soberana d'um fino céu lyrial.

Pagens reaes partiram, doidos
de alegria, altivos e triumphaes,
plumas rebrilhando pelo ether,
lanças de prata apontadas para a
amplidão e cruces sagradas pen-
didas do peito, para o sólo en-
florescido.

E a caravana, n'um fausto aber-
to, se foi levantando a poeira
luminosa, que resplandecia como

oiro, em nuvens sideraes, tocadas
pela aragem.

Pelas margens verdejantes, tu-
fadas de lyrios, brancos como as
espumas do mar, romeiros do
Ideal, n'um alvo sonho, sorriam
cantando para a apothese ex-
plendida das estrellas.

E tú, branca princeza incom-
paravel, passaste assim ao luar,
com refulgencias de ardentias do
crespo oceano marulhoso, nos
falbalás do teu regio vestido de
seda preciosa.

Tuas joias—saphiras e topa-
zios—tinham reverberações phan-
tasticas de luzes do Além, em
noites encantadas.

E as flores do noivado, as flo-
res de lorangeira, n'uma ondula-
ção de nenuphars sobre as ondas
d'um rio, fluctuavam nas dobras
vaporosas do teu manto de bro-
catello azul que pendia-te
dos hombros esculpturaes e ra-
ros, velludosos e cor de rubente
alvorada.

E era um delirio, e era uma
lancura, a tua pompa, como a
primavera eterna das estrellas, e
o aroma de hysópe do teu Sonho.

Quando assim chegaste, fulgindo como um novo sol, as terras desconhecidas do Oriente, um assombro transformou a primavera: a belleza dos teus verdes olhos enlutarados.

A cidade estava deserta e silenciosa e triste.

Pedras sobre pedras erguiam-se ameaçadoras, lá onde outrora as samaritanas errantes iam encher de agua corrente, espumante e fresca, os cantaros floridos; pedras dominavam as planices onde antigamente pastores cantavam junto a um rebanho e virgens enamoradas iam colher a luz macia da madrugada, os crysanthemos azues e as magnolias lactecentes.

Rosas escarlates da loucura engrinaldavam n'uma orgia festiva, n'um sabbat endoidecido, as torres cahidas da cathedral da Esperança.

Somente o céu era azul, illuminado e claro, como as aguas do mar, n'um amplo dia glorioso, de virações serenas e luz resplandorada.

Procuraste, Princeza, a Jeruzalem do Sonho e encontraste a Jeruzalem da maldição.

Herodes, sorprendente em um sorriso de hyena sacrificou no alto d'un lenho, negro e frio, o teu loiro e doce Ideal.

Judeos da Crença e da Fé, envoltos n'um manto estraçalhado, cercaram os caminhos, uivantes, como lobos famintos.

Os teus pagens reaes morreram luctando por ti.

E eram o Sonho e o Amor que lá repousam eternamente, na sombra das ruinas crescentes e colossaes, como as sombras da noite.

Barbaros cercaram o teu coração immaculo, como um altar, de corôas de espinhos.

Cobriram-te de opprobrio, a ti que tinhas a docura d'uma Santa, a brancura d'uma flor de noiva e o fulgor d'uma fina estrel-

la da manhan, suspensa sobre um Eden.

E te arrastaram assim pelas ruas crueis da realidade esmagadora, a ti que florescia na pulverisação vespéral d'um Sonho.

De espadas rutilantes trespassaram-te o Ideal, trespassando primeiro a tua alma.

Ai de ti, Jeruzalem da Illusão, que apedrejas os que tó são enviados.

II

Quando no meu Solar, as folhas amarellecidas das arvores mortas, tinham aos laivos do luar do outono o brilho d'um manto de oiro e as scintillações das estrellas rutilantes, sob um céu triste, o meu Ideal se foi em procura das terras desejadas e te encontrou, ó Jeruzalem da maldição, ó patria do desespero!

O peregrino retrocedeo perdido, com assombro no olhar, com soluços na alma, conduzindo nos braços extenuados o funeral do Sonho, morto pelos infieis do paiz sagrado.

Voltou exausto, e a Chiméra ficou pelas fragoas do caminho e a alva capa de bohemio que fôra, vinha tinta do seu sangue.

A caravana pomposa do primeiro encanto, lá ficou em ruina no cimo de esmeralda do Golgotha.

Rosas escarlates da loucura e do desespero boiavam vermelhando as aguas do Cedron.

Nos campos dezertos que o inverno amortalhára, salgueiros velavam funerariamente, como phantasmas gélidos, em ronda no cemiterio.

Mas tambem de ti, ó immensa Cathedral da Esperança, erguida na terra dos musulmanos, de ti, hoje não resta pedra sobre pedra.

Ó Jeruzalem do Sonho que matas as virgens e os romeiros que te são enviados!

Ó Jeruzalem da Illusão! tu és a Jeruzalem phantastica dos Herodes crueis!

Santa Ritta Junior.

Palavras loucas

Moço, que passas cantando,
Velho, que chegas chorando,
Que buscais?

A ventura, as alegrias,
São como as flores, os dias,
Desapparecem, não voltam mais!.

Vós que trazeis, moços poetas,
As vossas almas repletas
De canções,
Não vos firaes nos espinhos
Que se alastram nos caminhos
Longos e tristes das desillusões!

Como estranho peregrino
Parti um dia. O Destino
Me apontou
Da romaria no início
Um céu ao Sonho propício,
Sob o qual a minha alma repousou.

Tantas mulheres formosas,
Tantas sombras luminosas
Vi então
Que, se a lagrima primeira
Não me viesse ligeira,
Rugisse o mundo! Rugiria em vão

Sombras fugaces... Em bando
Fugiram se atropellando,
De uma vez,
E eu deixei pelo Universo,
Na saudade do meu verso
Toda a amargura de uma viuvez!

Se lembro! Quando partira
Tinha commigo uma lyra
Pr'a cantar
Deusas, mulheres e flores,
Os colibris e os condores,
O azul dos céos e a vastidão do mar!

Sonhava! Que sonhos bellos!
A' luz da lua, em castellos,
Castellãs;
E fogosas cavalgadas
Trotando pelas estradas
A' doce luz de fulgidas manhãs!...

Castellos!... ruin-os o vento
(Não saibais!) do Soffrimento,
Tão sem dô,
Que minhas magoas carpindo,
Vivo rindo, rindo, rindo.
Entre mil homens me sentindo só!.

Fô-se o caminho das dhalias!
Volto... rotas as sandalias;
E os meus pés
Sangrando o sangue da vida
Dessa jornada comprida,
Feita de magoas tantas através!

Não ouçais, poetas, o corvo
Que crocita, hediondo e torvo.
No pombal
Onde, sem dores nem prantos,
Construis, por entre cantos,
Cavalleiros do Amor! o vosso Ideal!.

Leoncio Correia.

Renascença

Do Santa Rita Junior.

Velha Jerusalém disseminada em tintas,
Que ao Luar do Presente a antiga luz transportas :
Vejo-te no pallôr das Eras indistinctas
Scintillando através das negras Sombras mortas !

Contens a mesma côr das perolas extinctas
E o mesmo resplendor do sol beija-te as portas !
Requema do teu seio as gerações extinctas
Ao doce modular das orações que exhortas !

Indago do Passado ao Manto que te cinge : ...
— Terra Santa do Christo entre Brillhos suspensa,
Desperta desse somno infinito de Esphynges ! —

Das londas immortaes da velha Palestina
Presinto o renascer dos Romeiros da Creença,
Como um Sol a romper através da neblina !

Generoso Borges.

Pagina intima

Alma engastada dentro de um sonho róseo, sonho de primavera e amor,
vivi por ti mais do que nunca. Envolvete-me n'um círculo de perfume e
veneno e eu deixei-me estontear de loucura ante o teu perfil singello de myste-
riosa Walkiria. Amei-te por um transcendentalismo de meu espirito e fui condu-
zido por um affecto desprevendo, cívado de ciúmes e aneias de morte.

E rias de tudo !

Desci do cimio do meu ideal, baixei do meu orgulho de poeta para escabu-
jar a teos pés, esmagando todas as minhas esperanças, todas as minhas aspira-
ções de moço. E rias sempre !

Quiz salvar-te dessa tempestade surda do lodo e traição que ulula sobre
a tua cabeça immaculada e lançaste-me a baba esverdeada do teu escárneo.

Ah ! mas não rias, não rias mais, porque o riso é filho primogenito da loucura.

Lembras-te que dentro do baliarte inexpugnável em que pouso, todos os
projectis se converterão em flores e que na balastrada ficticia em que te arrimas
todas as flores que te forem enviadas poderão se converter em projectis.

Guarda ao menos para ti, esta pagina que não pudêste comprehender.
E' uma pagina de triumpho.

Nicolau dos Santos.

?

Apenas a cabeça ao travesseiro deito
Procurando no somno um duleido descanso,
Um phantasma augural, pé ante pé, de manso
Vem se abeirar do meu desalinhado leito,

Do Leite Junior



Ao vel-o, do terror, eu sinto o duro effeito.
Estremece-me o corpo um estranho balanço.
Pasma fico ... e depois, a perguntar-lhe avango:
Que vens fazer aqui visão de negro aspeito ? ...

Nada, porém, me diz essa visão que á noite,
Como quem não encontra um canto onde se acoste,
Vem perturbar-me o somno e perturbar-me a paz ...

E na fria nudez de quem perscruta o Vago
Fico a pensar, e calfim, no coração indago:
Não será o remorso esse phantasma audaz ? ...

Adolpho Wernick.

Arte de amanha

(Barlet e Lejay)

Conclusão.

Estas duas faculdades de character passivo, correspondem á percepção das duas especies de Belleza absoluta: Belleza da Idéa independentemente da forma; Belleza da forma, abstracção feita da Idéa. A terceira faculdade, de character activo, é relativa á alma humana.

E' a *faculdade de adaptar* as ideas ás formas ou as formas ás ideas;

E' propria ás escolas: classica e romantica.

Na pratica estas trez faculdades se manifestam particularmente pelos trez elementos de toda obra artistica:

A *Ideação*, ou concepção da Idea;

A *execução* que, acabamos de ver, não pode se limitar ao *métier*;

E' a *composição* ou disposição do assumpto, que deve harmonisar a execução e a ideação.

Notareis que estas distincções são tão naturaes que caracterisam mesmo as diversas formas da Arte.

Recordae-as em sua essencia.

As artes plasticas se distinguem pela predominancia da execução, repartidas em trez generos conforme suas distincções: architectura, na qual predomina a forma; esculptura, na qual a disposição é o principal, e pintura na qual a idea se torna mais nitida.

As artes dramaticas se caracterizam pela disposição; são o *rhythmo* e o *gesto* que lhes emprestam a variedade da vida. Apresentam trez generos semelhantes: a musica, o jogo theatral e a elocução.

Emfim as artes litterarias nos apresentam a idea apenas velada

na: poesia, no theatro e na litteratura philosophica ou religiosa.

Esta digressão servirá para lembrar mais nitidamente como é raro encontrar no mesmo artista as nossas trez faculdades fundamentaes. Assim como é raro encontrar quem cultive todos os generos de produções artisticas; é tambem muito raro encontrar no mesmo pintor as trez qualidades primordiales.

DARIO VELLOSO.

Esse nobre cavalleiro do Idéal, que sob o pallium desdobrado da via-lactea, por essas noites de luar, anda cantando hymnarios de oiro, veio hoje enflorecer o «Azul» com as suas plumas faiscentes e com os seus elmos fulgidos e triumphaes.

Ao Leoncio Correia, pela fineza do brinde requintadamente artistico, somos immensamente gratos.

Devido a fidalga gentileza do distincto moço Augusto Stresser, resplandecem hoje em a nossa revista, finas illustrações.

Agradecemos a distincção desse modesto artista, que tanto honra o Paraná.

Por um descuido da revisão passaram em o numero atrazado diversos enganos no conto de Santa Ritta Junior e n'outras produções.

Expediente.

O AZUL será publicado quinzenalmente.

ASSIGNATURA:

2 mil rs. por trimestre.

REDACÇÃO:

Praça da Republica N.º 4.

Typ. „Der Beobachter“

Travessa da Proclamação N.º 5,

CURITYBA,